
A “HISTÓRIA A CONTRAPELO” EM VISTA PARCIAL DA NOITE, DE LUIZ RUFFATO

Luciane Figueiredo Pokulat¹

Resumo: Pensar o lado avesso da história, remontando fatos com novos olhares, dando voz a atores tradicionalmente emudecidos tem sido uma das tendências da ficção brasileira contemporânea e, a nosso ver, é nesse sentido que se alinha o romance *Vista parcial da noite* (2006), de Luiz Ruffato. O referido romance faz parte de *Inferno provisório* (2005-2011), um painel romanesco que objetiva dar voz ao trabalhador brasileiro de classe média baixa, personagem, em geral, pouco representada pela literatura nacional. Considerando a premissa de Walter Benjamin, pensador alemão que em 1940 intuía que o progresso vigente estava prenhe de armadilhas e propunha ao materialista histórico que abordasse o avesso da história e valorizasse a voz dos oprimidos, realizando um processo de “escovar a história a contrapelo”, o intuito desse artigo é apresentar uma leitura de *Vista parcial da noite* como o avesso da história da modernização de nosso país. Para isso, consideramos, em nossa leitura, o contexto histórico representado no romance – a década de 1970 de regime ditatorial reconhecido pela história oficial como o período de grande progresso e do milagre econômico brasileiro. Queremos investigar como o autor mineiro trabalha a representação das personagens anônimas da história oficial dentro desse contexto social e histórico.

Palavras-chave: Literatura contemporânea. Modernização nacional. História a contrapelo. *Vista parcial da noite*.

Abstract: Thinking the wrong side of history, dating events with new looks, giving voice actors traditionally muted has been one of the trends of contemporary Brazilian fiction and, in our view, that is what aligns the novel *Vista parcial da noite* (2006) by Luiz Ruffato. That novel is part of *Inferno provisório* (2005-2011), a novelistic panel that aims to give voice to the brazilian workers lower middle class, character generally underrepresented in national literature. Considering the premise of Walter Benjamin, german thinker who in 1940 intuited that the current progress was fraught with pitfalls and proposed the historical materialist to approach the opposite of history and valued the voice of the oppressed, performing a process of "brush history against the grain" the purpose of this article is to present a partial view of reading night as the reverse of the history modernization of our country. Therefore, we consider, in our reading, the historical context represented in the novel - the 1970 dictatorial regime recognized by official history as the great progress period and the brazilian economic miracle. We want to investigate the author works the representation of anonymous characters of the official story within this social and historical context.

Keywords: Contemporary literature. National modernization. History against the grain. *Vista parcial da noite*.

¹ Doutorado em Letras pelo PPG UFRGS. Mestrado em Letras pelo PPG URI-FW. Professora EBTT do IFFar – Campus Frederico Westphalen.

Pensar o lado avesso da história remontando fatos com novos olhares ou dando voz a atores tradicionalmente emudecidos tem sido, conforme aponta Jaime Ginzburg (2012), uma das tendências da ficção brasileira contemporânea e, a nosso ver, é nesse sentido que se alinha a narrativa de Luiz Ruffato, quando organiza um painel romanesco para dar voz ao proletariado brasileiro – personagem, em geral, pouco representada pela literatura nacional. *Inferno provisório* (2005-2011) é o título do projeto literário de Ruffato formado por trinta e oito histórias autônomas e independentes entre si distribuídas em cinco romances que procuram estabelecer as relações entre o presente e o passado de um país que se industrializou, se urbanizou, enfim, que se modernizou rapidamente e que talvez por conta dessa rapidez tenha deixado muitas fissuras sociais para serem consertadas.

A hipótese de que *Inferno provisório* pode ser lido como uma narrativa de vozes dos anônimos da história da nação nos permite a possibilidade de estabelecermos uma relação entre o romance e a proposição de Walter Benjamin (2012), quando este propunha ao materialista histórico que abordasse o avesso da história e valorizasse a voz dos oprimidos, realizando um processo de “escovar a história a contrapelo”. Conforme a concepção benjaminiana, o historiador materialista deveria procurar uma nova forma de narrar a história diferente daquela feita pelo historicismo, cujo fio condutor era a narrativa causal e linear comprometida apenas com a visão dos vencedores. O materialista histórico deveria se ocupar com o “tempo de agora”, porque somente este é capaz de resumir todos os momentos do passado e concentrar a tradição dos oprimidos que teria de surgir como uma força redentora no tempo presente. Dessa forma, o instante de agora assume extrema importância para que o historiador procure nos lampejos do passado uma nova forma de narrar o presente e se o historiador optar por uma perspectiva diferente da tradição e narrar também o ponto de vista dos vencidos da história, teremos então, de forma efetiva, uma nova versão para um mesmo fato ou acontecimento histórico.

É nesse sentido que se dá nossa leitura de *Vista parcial da noite* (2006), apontando-o como um romance comprometido em narrar as vozes dos anônimos da história de um país que se modernizou a passos largos, mas que deixou à margem boa parte de sua população. Uma das premissas da modernidade é a ideia de que o homem seria o responsável por sua própria história, pois, na medida em que ele se torna cada vez mais racional, por meio de conhecimentos científicos e habilidades

técnicas adquiridas, aumenta sua capacidade de decidir sobre a própria vida, de enfrentar o mundo e de realizar as melhores escolhas. Para Marshall Berman (2011, p. 24), ser moderno é “encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”. E, se, por um lado, a experiência da modernidade contribui para derrubar qualquer tipo de fronteira e é capaz de unir a espécie humana; por outro, a modernidade nos atira para um turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia e, por isso, ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo que é sólido desmancha no ar” (BERMAN, 2011, p. 24).

Referindo-se à modernidade no Brasil, o sociólogo Florestan Fernandes (1976) aponta que a “modernização conservadora” instaurada a partir da década de 1960 apenas permitiu que o Brasil entrasse na sociedade de consumo sem ter passado por um período adequado de desenvolvimento social que permitisse ao país ser, de fato, uma nação moderna no mais amplo sentido. Conforme explica Fernandes em *A revolução burguesa no Brasil*, a história moderna de nosso país começou às avessas, pois primeiro o capitalismo se tornou uma realidade social e somente depois houve a preocupação com a modernização de instituições, valores e padrões comportamentais.

A partir das onze histórias constituintes de *Vista parcial da noite* somos autorizados a pensar que boa parte da população brasileira não se transformou nesse sujeito moderno referido por Berman, pois vive à margem do projeto da modernidade, confirmando a teoria de Fernandes (1976, p. 7) de que a “era da modernização no Brasil não aparece como fenômeno maduro da evolução interna do mercado capitalista moderno; ela se configura com a crise política do antigo sistema colonial”. Daí o resultado de vivermos em um país que pode ser dividido em basicamente dois brasis: um que se industrializou, se urbanizou, se civilizou, enfim, que se modernizou, permitindo a possibilidade da liberdade e da emancipação do homem; o outro, constituído por sujeitos que não conseguem sair do reino da necessidade e permanecem lutando por itens básicos como moradia e alimentação e sonhando com o acesso ao mundo moderno reduzido ao desejo de participar da sociedade do consumo.

O romance de Ruffato possui construções literárias muito elucidativas para uma reflexão sobre a face de um Brasil moderno que não inclui igualmente todos os cidadãos em seu projeto modernizador. Os cotidianos e as subjetividades de sujeitos que conviveram menos com as *benesses* do que com as agruras do projeto moderno fazem parte do universo ficcional do romance e nos remete ao pensamento de Benjamin (2012), um dos poucos intelectuais a intuir, em meados do século XX, que a evolução do mundo moderno não era linear e que o projeto da modernidade continha vários efeitos. A imagem do anjo da história descrita por Benjamin (2012) é uma alegoria capaz de mostrar um pensador que, desiludido e pessimista, conseguiu antever que a onda de progresso crescente e promissor do mundo industrial culminaria em uma terrível catástrofe para a humanidade.

Essa modernidade, da qual Benjamin é um crítico, se constitui por muitas alternativas de escolhas. Para Anthony Giddens (2002, p. 10-13), na vida social moderna, a noção de “estilo de vida” assume um significado particular, e a escolha desses estilos são cada vez mais importantes na constituição da autoidentidade e da rotina dos indivíduos. Nessa perspectiva, a modernidade é vista como uma ordem pós-tradicional onde impera a dúvida, assim como é uma cultura do risco, cujo caráter móvel das instituições modernas e a natureza mutável dos sistemas abstratos, mesmo responsáveis pela emancipação do homem, produzem, em paralelo, “diferença”, “exclusão” e “marginalização” e contribuem para a supressão do “eu”. Embora Giddens aponte que a decisão de “optar” por um “estilo de vida” também pertença a classes sociais menos abastadas, não há dúvidas de que o leque de opções das personagens representadas em *Vista parcial da noite* é bastante restrito e, como ainda vivem no reino da necessidade, sua luta diária se fixa em coisas materiais que apenas lhes garantem a simples sobrevivência.

O Paraíso, um bairro de classe média baixa da cidade industrial de Cataguases da década de 1970, é o palco das narrativas que desvelam os dramas do louco Simão, que teme um ataque de inimigos imaginários no quintal de sua casa; de Maria de Fátima, costureira e mãe de família, que sofre com o marido alcóolatra; do filho Caburé, acostumado com a violência paterna; de um menino esquizofrênico, que causa dor e sofrimento à família, a qual, inconformada pela doença e desassistida pelos órgãos institucionais, não sabe como proceder, nem a quem recorrer; de Fernando, um jovem balconista revoltado com o pai porque este

seguidamente bate na mãe e condena a família a uma rotina de violência doméstica; de Baiano, sujeito abandonado pela mulher que tem de criar os filhos sozinho e, inconformado com a certeza do destino pobre de seu filho mais inteligente, prefere assassiná-lo e suicidar-se a vê-lo sofrer na miséria; de Lalado, um jovem entregador de compras, que fica chocado ao encontrar sua ex-colega de escola trabalhando em uma miserável casa de prostituição; de Paco, que se traumatiza ao ver um caminhão cheio de gente para ser descarregada em São Paulo; de Vicente Cambota, um andarilho que morre sob a chuva, em um noite escura, tragado por um bueiro; de Pedrosa, um miserável dono e artista de circo assassinado por motivos fúteis; e de Juventina, uma velha separada do marido que sofre a dor da solidão causada pela partida dos filhos migrantes.

O romance faz alusão explícita ao contexto histórico: a década de 1970. Como as construções literárias não dizem respeito a grandes acontecimentos históricos ocorridos e sim a fatos corriqueiros dos anônimos que também vivem nessa mesma época histórica, o romance é pautado nas coisas simples do dia a dia dos moradores de Cataguases. Exemplo disso é a referência ao ano de 1970, data de fundação de um clube de futebol amador do Paraíso; ou o verão de 1972, quando uma família consegue a tão almejada migração do Beco do Zé Pinto para a casa própria no bairro Paraíso; ou ainda fevereiro de 1973, momento em que Maria de Fátima é agraciada com uma placa de prata em homenagem à ocasião em que fora rainha do carnaval de 1956; ou ainda a notícia do assassinato de um circense publicada em um jornal da cidade, no dia 19 de maio de 1975. Essas indicações temporais são suficientes para nos remeter a uma década bastante problemática da história do Brasil: o contexto do regime da ditadura militar.

Se o romance tem como pano de fundo os desdobramentos do progresso nacional nas décadas de 1970-1980, isso significa dizer que as narrativas ocorrem em um momento no qual o país vivia sua fase desenvolvimentista, colhia os frutos do processo da “modernização conservadora” e, ao mesmo tempo, conhecia um dos períodos mais autoritários e truculentos de sua história. As histórias narradas pertencem a um contexto do que se costumou chamar de segunda fase do período ditatorial, que corresponde aos anos de 1968 a 1974 e compreende o tempo mais sombrio da história do país do ponto de vista dos direitos civis e políticos. É interessante registrar que tal período combinou a repressão política mais violenta já

vista no país com índices também jamais vistos de crescimento econômico. Assim, a mesma época que ficou conhecida como “anos de ouro”, de progresso contínuo, de abertura de horizontes, de confiança e de celebração patriótica que alcançou o apogeu entre 1970 e 1972, quando a nação comemorou a conquista do tricampeonato mundial de futebol e festejou o Sesquicentenário de Independência do país, também ficou marcada como os “anos de chumbo” em virtude da violenta repressão ocorrida em todos os níveis da sociedade (REIS, 2014, p. 89-91). Tais histórias são boas ilustrações para pensarmos em que medida o romance de Ruffato contribui para narrar fragmentos da história, tendo como referência o período da ditadura militar, o milagre econômico e a década em que o Brasil viveu a alegria da conquista histórica do tricampeonato mundial de futebol.

A narrativa “O ataque” é representativa nesse sentido. A fábula alude à vida da família de Sebastião, um trabalhador pobre, que conseguiu com bastante esforço comprar terreno, construir casa própria “quatro-cômodos” e mudar-se com a esposa e seus três filhos do Beco do Zé Pinto para o Paraíso, livrando-se do aluguel e conquistando o sonho da ascensão social. Para aumentar a felicidade da família, os filhos mais velhos – Reginaldo, operário da fábrica Manufatora, e Mirtes, operária da Industrial – ajudaram o pai a comprar, a prestações, um televisor “Telefunken vinte-três-polegadas”. O aparelho era o grande motivo de alegria da família, principalmente da mãe que avaliava a novidade como “um descanso pra cabeça”. O período de harmonia familiar, porém, é de breve duração e começa a sucumbir quando o menino caçula de onze anos julga ter ouvido, tarde da noite, no rádio de pilha do irmão, a notícia de que Cataguases seria atacada por aviões alemães no final do ano. O ano é 1972, e o período é o da ditadura militar.

O pai do menino, não sabendo como lidar com a situação, posto que o filho sustenta ter ouvido a mesma notícia mais de uma vez pelo rádio, vai em busca de ajuda das autoridades. Com o prefeito ele nunca consegue falar, pois, segundo sua assessoria, está sempre viajando; um vereador “conhecido de-vista” ouve-o impaciente, admira-se com a estranheza do fato, prometendo sugerir que o assunto entre na pauta de “alguma” reunião da câmara; o padre acalma o pai, alegando que é imaginação do menino; Zé Pinto indica “uma coça de corrião” e passar “pimenta nos beijos” da criança para não se criar um mentiroso; o diretor do Colégio Cataguases sugere ao pai levar o filho para uma consulta com um psiquiatra que

“atende no INPS” e tranquiliza seu Sebastião, explicando que a guerra terminou em 1945, os alemães nem mais forças armadas possuem, questionando ainda por que, se houvesse a mínima chance de um ataque dos alemães, o alvo principal seria o município mineiro de Cataguases. O encontro com o doutor Aníbal Resende, delegado da cidade, é definitivo para o futuro dessa família. Desse encontro é possível extrairmos as costumeiras formas de tratamento dos representantes da lei para com a população mais humilde:

(irônico, a voz alterada) Que raio de história é essa que o senhor anda espalhando por aí, seu Sebastião, de que Cataguases vai ser invadida pelos alemães? Quem foi que inventou uma besteira tão grande, seu Sebastião? **(compreensivo, a voz mais baixa)** Seu Sebastião, deixe-me explicar uma coisa pro senhor: o senhor, a sua família, são pessoas de bem, conhecidos, ordeiros, cumpridores do dever, todo mundo sabe... Agora, o senhor já ouviu falar dos comunistas? **(didático)** Existe em nosso país gente que quer implantar o terror, irmão matando irmão, **(a voz amplifica-se, o suor escorre da testa) (As mãos gesticulam, teatrais)** quer ver o Brasil nas mãos dos comunistas, da Rússia!, seu Sebastião, da Rússia! Onde os valores cristãos de nada valem, onde os homens dividem as mulheres com os amigos, as filhas dormem com os pais [...] (RUFFATO, 2006, p. 66).

O delegado prossegue na arguição e, em seguida, comunica a sua solução para o caso:

Seu Sebastião, o senhor conhece algum comunista? Já viu um? Não? O senhor sabe quem é comunista? Não? **(Senta-se, limpa o rosto com um lenço, enfia-o de novo no bolso de trás da calça) (sarcástico)** Nem nós, seu Sebastião... Nem nós da polícia... Sabe por quê? Porque comunista não traz isso escrito na testa. Como posso ter certeza de que o senhor, seu Sebastião, não é comunista, se o senhor está agindo como um? Bom, então vamos dar um voto de confiança pro senhor, Seu Sebastião. **(autoritário)** Agora, a partir de hoje o senhor está proibido, proibido, entendeu?, de abrir a boca pra falar sobre isso. Proibido! Outra coisa: vamos confiscar, temporariamente apenas, todos os aparelhos de rádio e televisão que o senhor possua em casa... (RUFFATO, 2006, p. 67).

A família desandou com a suposta esquizofrenia atestada pelo médico. A mãe “aguou” entristecida pela falta da televisão e pela incompreendida novidade: “Tião... o menino... o menino é doido, Tião? É doido?” (RUFFATO, 2006, p. 68). O pai perdeu a graça e passava os dias silenciosos trabalhando na quitanda e “olhando”

os jornais velhos. Após a notícia da doença do menino, os filhos mais velhos encaminharam-se com maior urgência para casamentos pouco promissores, a fim de se livrarem daquela situação. O filho doente, por sua vez, abandonou a escola para passar os dias cavando um buraco debaixo de sua cama, a fim de proteger-se do ataque dos alemães que, segundo ele, aconteceria no próximo dezembro. Ao final da narrativa, é possível levantar a hipótese de que a primeira história do romance, cujo protagonista é o louco Simão, possa ser a continuidade do relato desse menino que teria crescido, o pai teria morrido “de desgosto, falavam” (RUFFATO, 2006, p. 17), a mãe estaria velha, morrendo no quarto ao lado do maluco doente, e Simão encontrava-se ali espreitando os meninos que roubavam frutas e, em meio à sua loucura, confundia-os com os alemães, atacando o quintal da casa.

Em “O morto”, a narrativa inicia com a ação de soldados na caça de um fugitivo, escondido no mato, suspeito de cometer um crime com arma branca. A partir de tal cena, o narrador volta-se para o passado e, ao mesmo tempo em que narra a vida oprimida de um soldado de plantão na delegacia, ocupa-se em narrar a história da chegada de um circo na cidade de Cataguases. O soldado Carneiro é representado como um sujeito pobre que está com dor de dente, sem dinheiro para tratamento ou sequer para comprar “uma latinha de cera-lustosa” na farmácia, pois tem de ajudar a “mãe acamada”. Ele sente orgulho de trabalhar para o delegado Doutor Aníbal Resende: “graças a deus ainda existe gente como o doutor Aníbal, sicrano mijou-para-trás?, porrada nele, assim aprende a apreciar autoridade, [...], carreavam os pés-de-chinelo e o sargento sentava a toalha molhada na altura dos rins, urina sangue o elemento E, ó, nenhuma marcas” (RUFFATO, 2006, p. 132).

A história desse soldado que serve fielmente aos comandos do delegado imbrica-se com a história pessoal de um circense, pois, no mesmo instante em que Pedroso, o dono do circo, iniciava a armação da estrutura na cidade, o delegado era informado do evento e convocava seus comandados para trazerem o proprietário até sua presença, a fim de investigar as intenções do sujeito em estabelecer-se no local. Numa alusão crítica à forma como as instituições de poder reagem diante da classe artística, Ruffato monta uma cena em que o Doutor Aníbal argui o “estrangeiro”. O delegado solicita documentos, questiona sobre sua religião, a frequência com que vai à igreja, para quem reza, onde mora e por que se tornara dono de circo: “A

precisão conduz a gente, doutor. Um dia arreliei... queria ser dono do meu próprio nariz...” (RUFFATO, 2006, p. 139). Ao passo que o trecho se refere ao sonho desse sujeito de ser proprietário do destino, tornando-se “dono do próprio nariz”, também possibilita a inferência do trabalho precário a que se submetera, pois, ao mesmo tempo em que era o dono do circo, armava a estrutura, atuava como artista em várias versões e recitava um monólogo, motivo, inclusive, de susto ao delegado:

- É... eu... eu represento uma peça... pequenininha... antes da tourada... um monólogo... já foi maior antes, mas...
- Um monólogo?! De quem?
- Meu mesmo...
- Ah, mas o senhor tem que me mostrar isso antes! Precisa passar por mim!
- Mostrar?
- É, o texto!
- Mas não tem texto...
- Como não tem?
- É uma... a vida dos toureiros... um troço que eu escrevi... da minha cabeça...
- Pois então o senhor vai recitar aqui mesmo! (RUFFATO, 2006, p. 140).

O delegado solicita o comparecimento de todos os comandados para assistirem (e, possivelmente, avaliarem) ao monólogo do artista circense, numa alusão aos tempos de censura em que os fiscalizadores do poder não poderiam permitir o contato da população com qualquer material artístico capaz de prejudicar a ordem instalada. Assim que o homem recita o monólogo – a cujo texto o leitor não tem acesso –, a narrativa se encerra, abruptamente, com um fragmento em forma de notícia de jornal informando a morte, por perfuração com arma branca e por motivos fúteis, de um proprietário de circo. Segundo a notícia, um desempregado bêbado queria assistir ao espetáculo sem pagar e, interpelado pela vítima, reagiu com violência sem chances de defesa, finalizando aí a história pessoal de Pedrosa que, num átimo, desaparece.

Tanto “O ataque” como “O morto” tangenciam um assunto bastante doloroso para nosso país, que é o abuso do poder institucional no período da ditadura militar. Embora as personagens representadas não se mostrem envolvidas com assuntos “subversivos”, não se constituam em sujeitos atuantes na vida política, não demonstrando ter noção do contexto sócio-histórico-político em que vivem, ainda

assim, elas sofrem dramas pessoais em razão da repressão militar da época. A família do menino esquizofrênico tem a vida alterada e destruída pela retirada da televisão de seu lar, pela falta de explicação do mal que assolava o menino e pela não assistência à criança na solução da doença, fatores suficientes para condenar a família à frustração e à melancolia, levando-a à ruína. Em “O morto”, o leitor recebe pelo jornal a notícia da morte de um sujeito nômade que passava temporariamente por Cataguases, tentando sobreviver com o trabalho circense, mas que tem, surpreendentemente, a vida interrompida, desaparecendo da história depois de ter apresentado parte do espetáculo para a avaliação de um pobre soldado com dor de dente, de um sargento obediente e de um delegado truculento.

Conforme a história oficial do Brasil, o período de maior repressão pela qual o país passou coincide com o de maior crescimento econômico. Nessa época, o governo reprimia ferozmente a oposição, exibindo a fase da euforia econômica e atrelava inclusive a conquista brasileira do tricampeonato de futebol ao seu governo, passando a impressão de um progresso inigualável. “Cicatrices (uma história de futebol)”, a oitava na ordem sequencial do romance, faz alusão explícita a essa importante data para o país. A narrativa inicia com uma espécie de nota introdutória que expõe o seguinte:

Sim, 21 de junho de 1970 tornou-se uma das mais importantes datas da História do Brasil. Afinal, naquele dia a Taça Jules Rimet conquistou-a em definitivo a seleção brasileira, na inesquecível peleja contra a Itália, diante dos mais de cem mil fanáticos mexicanos espremidos no Estádio Asteca, quatro a um lembra? Mas, 1970 também marca a fundação e glória do efêmero Botafogo Futebol Clube, de Cataguases, o “Botafoguinho” do Paraíso, que, raro caso nos anais do desporto bretão, desmantelou, invicto, após vinte partidas disputadas entre agosto e dezembro daquele ano. E, para avivar a memória, que e vai esvanecendo, construímos esse breve relato (RUFFATO, 2006, p. 103).

Esse texto é um artifício estético utilizado pelo autor com o intuito de criar, para o leitor, a impressão de uma realidade. O autor parte de um tempo real – 21 de junho de 1970 – no qual aconteceu um fato real – a conquista da Taça Jules Rimet – em um espaço real – estádio Asteca, no México. Esse “real” a que nos referimos diz respeito a um determinado fato que faz parte do rol que a história oficial julga ser merecedor de registro. Na esteira de Benjamin (2012), o qual entende que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para o cronista e sugere narrar

a história do ponto de vista dos vencidos, a nota introdutória de “Cicatrizes” tem muito a dizer. Ela esclarece que o relato prestes a ser contado concerne a um outro time de futebol, que joga em outro espaço, tendo em comum apenas o ano do acontecimento da grande conquista brasileira, fator que nos leva a estabelecer um contraponto com a história da euforia nacional e tomar essa pequena narrativa como uma “história a contrapelo”, nos termos benjaminianos.

A narrativa em questão parece ter como eixo central o futebol, mas gira em torno do drama de Miguel, personagem que participou da fundação e dos tempos de glória do efêmero Botafogo Futebol Clube, do bairro Paraíso, cuja data de fundação coincide com a conquista do tricampeonato de futebol pelo Brasil. Miguel é um desses sujeitos excluídos de narrativas que registram grandes feitos históricos nacionais, mas que, em *Vista parcial da noite*, ganham nome e, embora sem sobrenome, também possuem uma história que merece ser narrada. Associando com a premissa benjaminiana (2012, p. 242) segundo a qual “nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”, essa simples narrativa nos apresenta uma versão de um momento áureo do futebol nacional pela perspectiva do cotidiano de um trabalhador humilde e anônimo que vive durante o período do milagre econômico, da ditadura brasileira e da grande conquista esportiva. Miguel é casado com Creusa e sustenta uma prole numerosa com proventos oriundos do ofício de carroceiro. Na mesma época em que a seleção brasileira sagrava-se tricampeã mundial e o país vibrava com isso, o homem anônimo via-se frente a um problema desencadeado pela iminente suspensão do “misto”, em Cataguases:

Insone, deambulava pelo quintal, friagem beliscando os pelos do corpo, cerração acoitando a paisagem, indagando de si para si como haveria de ser agora que o misto parecia mesmo que ia ser suspenso, só correriam os trilhos os vagões de minério, não mais os de passageiros, ele, que a família sustentava com o frete da carroça estacionada na praça da Estação, apoucados os carretos, faria como com os filhos, oito, de-menor, e a casa, essa, ainda no acabamento? (RUFFATO, 2006, p. 103).

Num procedimento bastante comum no romance, o narrador de Ruffato parte de um fato no tempo presente para retomar o passado do protagonista e conta que, antes de se tornar carroceiro, Miguel e a esposa haviam conhecido a miséria de perto. Arranchados de favor em uma garagem da Vila Teresa, seu paradeiro fora

descoberto por um irmão de Creusa, o qual propôs a reconciliação com a irmã juntamente com a proposta de compra de sua parte da mísera herança deixada pelo pai. Com esse dinheiro, Miguel conseguiu comprar, à vista, uma carroça e orgulhava-se de, com o trabalho de carroceiro, ter conseguido livrar-se do aluguel e do destino de eterno migrante, correndo o risco de nunca pertencer a lugar nenhum.

A narrativa de Miguel mostra o orgulho desse sujeito de ter se livrado daquilo que, para uns, seria a solução, para outros, como ele, representaria o fracasso: a sina migrante, *leitmotiv* da pentalogia de Ruffato. Porém, se a família tinha afastado o pavor de passar “anos aciganados lugar-a-outro, nem a estimação as crianças apegavam. Esculhambação de senhorios humilhando-o na frente da mulher, dos filhos, vizinhos, estranhos” (RUFFATO, 2006, p. 104), não conseguiu, igualmente, livrar-se das condições precárias de trabalho e moradia. O narrador relata que Miguel e Creusa adquiriram – a prestações – o lote no Paraíso, quando no bairro ainda não havia água, luz e calçamento, sendo que a forma como é feito o relato da “ascensão” social e econômica do casal é bastante significativa para trazer à tona a estratificação da sociedade brasileira:

A rua que afluía transversalmente do Beira-Rio trifurcava ao chegar à mina: ali, o terreno. À esquerda, íngreme, serpeava enfezada, trançadas valetas rompendo a poeira e o capim-gordura, casebres de pau-a-pique e viralatas, o Paraíso dos pobres. Ao centro, escalava uma suave elevação entre mangueiras e abacateiros, casas-de-alvenaria, poços artesianos, cachorros, o Paraíso remediado. À direita, ensaibrada, chácaras de muitos pomares, pastores-alemães e amplas varandas, o Paraíso dos ricos. Só, cercou-o, capinou-o, aplinou a base para o alicerce. Servente, as paredes ajudou a erguer. A laje bateram-na um bando de pinguços, domingo de sol entocado, a troco de bucho e cachaça (RUFFATO, 2006, p. 105).

Interessante sublinhar também as condições de moradia dessa família, que se mudou para a casa nova de paredes sem reboco, de chão de terra batida, com cômodos sem portas e sem mobílias, sendo que “água para beber e cozinhar e lavar roupa e tomar banho buscavam na mina [...]. Necessidades faziam na ‘casinha’, na claridade, e no penico, nas intempéries, no após-o-ângelus” (RUFFATO, 2006, p. 105). A família era movida por sonhos resumidos, basicamente, a um “vermelhão no piso”, paredes e janelas pintadas, poço com bomba, banheiro com bojo, “e fogão-a-gás e roupas-novas para a filharada e dentadura para a esposa e um potro zaino

para o lugar do pangaré pedrês e ee” (RUFFATO, 2006, p. 105-106). A conjunção aditiva repetida dá uma ideia de continuidade no rol dos sonhos do casal, mas é importante evidenciar que os itens constituintes da lista não passam de objetos minimamente necessários para as mais simples condições de moradia, saúde e trabalho. O fato de habitantes de uma sociedade moderna e civilizada como aquela em que o Brasil se transformava na época do milagre econômico sonharem com coisas tão simples forma um paradoxo frente às transformações positivas que o governo alardeava estarem acontecendo.

Sob outra ótica, o fato de a lista de desejos do casal ser formada por coisas tão básicas justifica-se melhor quando o narrador remonta a um passado de ainda maior miséria vivida por Miguel em sua infância. O protagonista lembra, com mágoa, de não ter tido a oportunidade de ter uma família: após a morte do pai, a mãe perdeu o juízo, os dez filhos espalharam-se pelo mundo e ele, com seis anos, “embichado e raquítico, amarelo e quebradiço, pulou de fazenda em fazenda, malquisto, até ser pego por uns cultivadores de mudas de laranja em Dona Eusébia” (RUFFATO, 2006, p. 107). As recordações desse período de sua vida surgem ao mesmo tempo em que a personagem percebia os fretes rareando e os passageiros para transporte em sua carroça desaparecendo. Para agravar a situação, o protagonista adoece e, ao se consultar com um médico, este lhe receita, junto com os remédios, alguma coisa para distrair a cabeça. É daí que surge a ideia de montar um time de futebol no bairro onde mora. Dessa forma, enquanto o Brasil vibrava com a conquista definitiva da taça Jules Rimet, Miguel percorria as ruas de Cataguases em busca de donativos – camisetas, calções, meias, bola, tinta de tecido –, liderando a fundação do Botafogo do Paraíso, time que em breve estaria agendando partidas, colecionando vitórias e participando, inclusive, do campeonato intermunicipal.

A simplicidade dessa história pode ser alinhada à tese de Benjamin (2012) de fazer emergir o lado desconhecido da história a fim de valorizar o ponto de vista dos vencidos. Nesse sentido, ao ser abordada a narrativa de um trabalhador pobre e anônimo, cuja trajetória relacionada ao futebol anda em paralelo ao acontecimento de um importante fato histórico da nação, que também diz respeito a tal esporte, é natural surgirem alguns questionamentos. É possível pensarmos, por exemplo, em que medida a tão alardeada conquista da seleção brasileira poderia ter algum efeito positivo (ou negativo) na vida cotidiana de Miguel e na sua família. Ou ainda

podemos pensar se a conquista do tricampeonato teria tido alguma consequência direta ou indireta na vida de brasileiros representados nessa e em outras narrativas do romance e, em caso afirmativo, em que medida e de que ordem seriam essas consequências.

Essas questões foram levantadas apenas para provocarmos uma reflexão no sentido de considerarmos que podem existir vitórias ou derrotas, alegrias ou tristezas, sucessos ou frustrações paralelas àquelas contadas pela história oficial, mas, devido à sua insignificância, não recebem registros. Tal comparação é estabelecida no intuito de mostrar que, enquanto grandes feitos históricos acontecem, pequenos acontecimentos igualmente ocorrem nas vidas cotidianas de inúmeros anônimos e, provavelmente, para esses sujeitos, as ocorrências corriqueiras tenham maior importância, já que dizem respeito às suas necessidades mais imediatas. No entanto, narrativas de tal envergadura em geral não são dignas, pela sua insignificância, de serem reproduzidas pela história oficial, ficando à mercê do apagamento da memória com o passar do tempo.

Por fim, é interessante registrar que, embora *Vista parcial da noite* tenha como pano de fundo o contexto histórico da ditadura, as personagens parecem ignorar o contexto de autoritarismo em que viviam. A história truculenta da ditadura, conforme a conhecemos nos seus piores capítulos, não está representada nas trajetórias dessas personagens. A hipótese levantada para a existência de tal aspecto pode ser a procedência pobre e o lugar inferior por elas ocupado na hierárquica sociedade brasileira, pois elas são representantes de sujeitos à margem do projeto modernizador: são trabalhadores anônimos que não possuem voz de forma organizada, vivem de ofícios simples, não participam de sindicatos, não estudam e boa parte nem sabe ler porque abandonou a escola bastante cedo. A esses sobreviventes da margem cabe o trabalho duro, a busca por um emprego, subemprego ou a adoção de um ofício qualquer que lhes possibilite as rasas condições de sobrevivência. Não é de estranhar, portanto, que as questões políticas passem ao largo dos lares e dos cotidianos desses sujeitos invisíveis e ignorantes da história nacional. A não referência tanto das personagens como do narrador em relação à época ditatorial é sintomática, pois, em virtude de não haver o que narrar na vida desses sujeitos no que tange a assuntos políticos, subjaz, na narrativa, o

comportamento silencioso das personagens e a sua função subserviente na ordem estabelecida.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. Paris do Segundo Império. In: **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. Tradução de Carlos Felipe Moisés e de Ana Maria I. Ioratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GINZBURG, Jaime. **O narrador na literatura brasileira contemporânea**. *Tintas. Quadernidilettatureiberiche e iberoamericane*, 2, 2012, p. 199-221. Disponível em <<http://riviste.unimi.it/index.php/tintasm>>. Acesso em: maio 2013.

REIS, Daniel Aarão (coordenação). Modernização, ditadura e democracia: 1964-2010. In: SCWARCZ, Lilia Moritz (direção) **História do Brasil Nação: 1808-2010**. Volume 5. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2014.

RUFFATO, Luiz. **Vista parcial da noite**. (Inferno provisório; 3). Rio de Janeiro: Record, 2006.